



Gaiato

Quinzenário * 9 de Abril de 1988 * Ano XLV — N.º 1150 — Preço 10\$00

PORTE PAGO

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Páscoa

«... Quem nos vai rolar a pedra, da porta do túmulo...?»

«... Depois de terem olhado, notaram que a pedra já estava deslocada...»

«... Ressuscitou, não está aqui.»

São palavras colhidas no texto sagrado da Vigília da Páscoa. Estão relacionadas com o Amor delicado de umas poucas mulheres para quem não há demoras na decisão a tomar: voltam ao sepulcro, onde puseram o Senhor Jesus, de madrugada. Vão embalsamar um cadáver.

— Não está morto!

De surpresa em surpresa ouvem, assustadas, a mensagem que a Igreja repetirá, incansavelmente, através dos séculos:

— Ressuscitou!

■ Ontem, fui dar uma volta pela nossa Aldeia com os mais pequeninos. Era domingo. Dia lindo, com sabor a Páscoa.

Como de costume, avenida acima, muitas pessoas vinham visitar-nos. Poisavam ternamente seus olhos no grupo dos seis pequenos. Admiradas, sim; não assustadas, creio.

Mais abaixo, parámos e explicámos o que estavam a ver

— o mistério de Jesus ressuscitado, ali presente, à vista, duma maneira impressionante.

Era um «túmulo» donde vieram. A «pedra» do abandono era pesada demais. Só aparentemente, que o Amor delicado e decidido — o que não se compadece com demoras — dá conta do milagre. Onde antes reinava a morte, agora a Vida é senhora. A «pedra» foi removida. A Páscoa aconteceu.

— Ressuscitaram!

— Não estão mortos!

A Obra de Deus supera todo o projecto humano. Fica a descoberto o escândalo da fé.

— Eles são tantos os redimidos! Muitos mais aonde a Páscoa ainda não chegou! É verdade que a mensagem da Páscoa não é obra dos homens. Só Deus salva. Só a fé dá luz. Basta crer e viver dessa fé. Aqui o nosso lugar. Aqui o lugar da Obra da Rua.

A narração da vitória de Jesus é um acontecimento de tal grandeza que a sua proclamação gososa deixa o ouvinte surpreendido e sem fala.

— Não disseram nada a ninguém, continua o mesmo texto. E não há pessimismo nesta visão da realidade. Sabemo-lo, por experiência.

Jesus ressuscitado continua a

Fui visitar um amigo doente. O «monstro» do hospital sugou-lhe todo o sangue com sabor e cor de jardim, do seu cantinho de estar, da família e do seu próprio «eu» — diferente dos outros.

Milhares de portas, milhares de janelas, centenas de corredores, de médicos e enfermeiras. Ele, gota de água, a diluir-se na areia movediça e indiferente.

A nossa civilização(?) suga o homem até ser bagaço de prensa...

Neste aspecto, dão-me pena os «complexos» para deficientes. Centenas de camas! Centenas de... Concentração de doentes.

Antes e óptimo se fossem aldeias pequenas com casas familiares, ruas e árvores, lagos e animais, lume nas lazeiras durante o Inverno e sombras frescas no Verão.

— Os carvalhos já têm folhas? — pergunta a Alice, nossa desde pequenina, e cega.

— Estão mesmo a rebentar, Alice, — respondi.

Ela não as vê, mas sente-as em bulfício no seu coração!

Mesmo assim... é um acordar. Prova de que, na Igreja, o lume não morreu. Porém, que

sair ao encontro do homem onde quer que ele se encontre. Vai pelo coração dos apóstolos — mulheres e homens.

Vamos celebrar, com verdade, a Páscoa!

Padre Manuel António

Calvário

precisa de uma forte espevitada — precisa.

Em cada Santuário, uma casa com jardins, lago e pássaros para os deficientes e incuráveis... Isto em vez de estátuas e espanto faustoso.

Deus ama os filhos que sofrem; e não as estátuas de pedra e bronze.

Acordemos todos...

O Senhor não quer «sacrifícios de touros» nem as nossas promessas sem sentido. Estima, acima de tudo, o nosso amor a Ele e aos Outros — sempre que possível, traduzido em obras.

Padre Telmo

Livro «Correspondência dos Leitores»

Está a motivar grande revolução na alma dos Leitores!

Uma das primeiras ressonâncias é de Campo Maior — da planura alentejana:

«Foi uma bela amêndoa de Páscoa o livro Correspondência dos Leitores. Não tenho palavras para dizer o que me vai na alma sobre os livros que tenho recebido. Fazem-me tão bem a sua leitura e reflexão! Dou graças a Deus por chegar às minhas mãos e coração tanta

partilha e comunhão. Quanta coragem e confiança têm dado à minha pobreza e pequenez! Quantos oásis neles tenho encontrado para este deserto que a vida nos apresenta!»

Outra, não menos saborosa, sai de ao pé das Minas de S. Pedro da Cova (Gondomar):

«Venho dizer da minha alegria por ter chegado o novo volume, Correspondência dos Leitores, com a Força e o Fogo do Pai Américo.

Experimento tanto a sua presença que a notícia da sua morte é, tem de ser, mentira. É bem verdade que não há morte para quem ama, como ele sempre foi capaz de amar.

Correspondência dos Leitores já cá está como alimento na minha vida e na de outros, muitos, que o querem.

Obrigado pela lembrança. Cada vez me sinto mais «obrigado» a ser solidário com o Povo empobrecido.»

Coimbra:

«Estou a ler, avidamente, comovidamente, o Correspondência dos Leitores.

É a pregação do nosso Padre Américo, na sua forma de inimitável penetração.

É sobretudo o Evangelho vivo feito carne sofredora dos nossos Irmãos.

Não se retira valor a S. Tomás e à Summa Theologica; nem à conferência solene e grandiloqua de apologética. Mas a narrativa em parábola simples, feita do dia-a-dia, não a escolheu Nosso Senhor para ensinamento dos simples, pelos

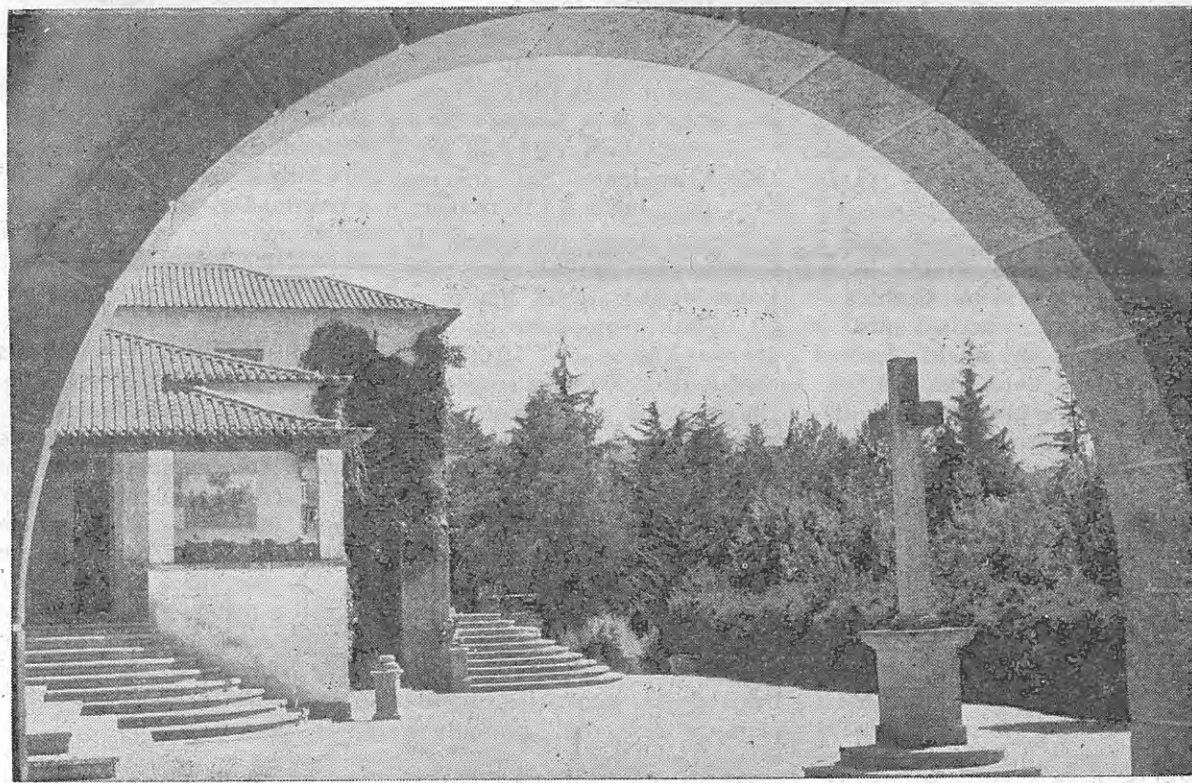
Setúbal

No Lar de Férias da Casa do Gaiato — assim se chama, agora, a antiga residencial Santa Maria — estiveram no último fim-de-semana mais de cem jovens em reflexão cristã e convívio de oração.

Partilhei com eles, durante a noite, os sentimentos espontâneos de uma via-sacra na praia do Portinho, sobre a areia macia e húmida, ao som do bater leve das ondas e do silêncio eloquente da serra. A noite sem luar convidava mais profundamente à interioridade. Várias cruces toscas dividiam os grupos e eram, aqui e ali, iluminadas com os quadros das estações por lâmpadas individuais que alguns providenciaram. Cada grupo encarregou-se de dirigir a sua estação.

Cont. na 4.ª pág.

Cont. na 3.ª pág.



A cruz é sinal de Redenção, testemunha o belo cruzeiro de granito que Pai Américo implantou no largo da nossa Aldeia.

PELAS CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO

DESPORTO — Novamente queremos pedir a vinda de equipas de futebol, do escalão iniciado ao sénior. Será com grande alegria que vos receberemos.

Escrevam ou telefonem para: Casa do Gaiato — 3220 Miranda do Corvo, telef. 52125. Esperamos a vossa comparação para conviverem connosco. Não interessa a derrota nem a vitória, mas a convivência.

GADO — Chegaram, a nossa Casa, seis porcos. Não tínhamos nenhuns. Os nossos vaqueiros, «Fisga» e «Pinóquio», ficaram todos contentes quando viram os suínos e vão cumprindo a sua obrigação com todo o gosto.

Carlos Manuel

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● A quem é que os Pobres pedem a mão, nas horas más?
São deles bloqueados com problemas da Segurança Social:

— Não arrecebemos o abono de Dezembro! A Casa do Povo já escreveu p'ra lá e ainda não veio!
Outro, recebe um cheque mal preenchido. Acontece. São dezenas de milhares...

Nestes casos — a prática no-lo diz — melhor será uma abordagem pessoal, junto da entidade emissora (fica muito cara!), pois a troca de correspondência nem sempre é eficaz!
Que dizer daqueles ou daquelas que sofrem doenças, algumas de certa gravidade?

— Não tenho dinheiro prós rumédios... Custa pedir! Eles não querem saber da gente...! Os rumédios estão muito caros!

Queixas! Temos de as revelar, que o Pobre sente, na carne, o peso da cruz.

● Aquela mocinha que andava por lá e, por fim, se consorcia nestas bandas, viveu numa pocilga. Depois, arranja pouso digno, por uma fortuna — em proporção ao salário do marido. Deitámos a mão, algum tempo, até procurarem organizar a vida, que ora entra no caos pelo desemprego do homem.

Ela já se adiantou, e muito bem, a pedir um tecto à Igreja — que é Mãe. Hoje, como ontem, a Igreja supre muitas carências e omissões.

Curioso verificar como, nas horas negras, a mulher ganha sempre mais força do que o homem e avança, pelo seu pé, na solução dos problemas!

A propósito da Habitação, registámos uma legenda, em matutino de grande tiragem: «Cerca de 25% dos portugueses vivem em habitações degradadas — refere um estudo da AECOPS» (Associação de Empresas de Construção Civil e Obras Públicas do Sul).

Seria oportuno revelar os pontos fulcrais do trabalho. Mas o título da notícia expressa, em síntese, a evidência: «Faltam casas em Portugal como no pós-guerra europeu».

Não são precisos mais pormenores. Quem se lembra dos Pobres...?!

PARTILHA — Aquela senhora, do Porto, que por aqui passa muitas vezes, deixa sempre uma lembrança para os nossos Pobres; agora, «por alma do meu pai» — disse.

A «partilha habitual» de «uma Assinante de Paço de Arcos» com Mensagem: «Saudações na Páscoa de 1988 e que o Senhor nos ajude, a nós cristãos, a ficarmos mais «dentro» do Evangelho, de que a partilha é uma exigência essencial. O Evangelho de S. Mateus, do Juízo Final, é bem claro».

A assinante 12088 com um cheque para a Viúva referida nesta coluna — e «Deus a ajude a manter o amor de Mãe». A maior riqueza!

Vem lá a assinante 13329, do Porto, com 2.500\$00 por vale de correio — «para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa».

«Uma lisboeta» marca «presença com muito amor pelos que sofrem provações e tanto precisam de fraternidade e compreensão».

O costume, de Vilares (Vila Franca das Naves). Pela mão do Padre Luiz, um cheque de cinquenta contos, de Maria do Céu. Em vale de correio, partilha de Cândida «para acudir a um caso aflitivo dos Pobres da Conferência». Mais 500\$00 do assinante 10770, de Vila Nova de Gaia. Três vezes mais da assinante 33275, do Porto. O costume, do assinante 11902, do Fundão. Mais 500\$00, da assinante 31486 (Cidade Invicta), e 200\$00 da irmã.

O habitual óbulo para as Viúvas, do «Manel de Braga». E outra Mensagem, do assinante 9790, de Vila Nova de Gaia: «Junto segue um cheque, pequenina gota para as despesas. Ouso pedir uma oração ao Senhor para que não ofendamos nunca o nosso irmão, antes abramos o nosso coração para o bem de todos, não

Associação dos Antigos Gaiatos do Norte

Eis a constituição do elenco directivo para 1988/89, eleito em Assembleia Geral de 5/03/88:

Direcção: Presidente, Carlos Gonçalves; Vice-Presidente, Fernando Marques; Tesoureiro, Delfim Ferreira; Secretário, Joaquim Ferreira Mendes; Vogal, Valdemar Soares; Vogal, João Evangelista Maciel.

Assembleia Geral: Presidente, José Lemos; Secretário, Lourenço Martins; Secretário, Manuel Pinto.

Conselho Fiscal: Presidente, José Eduardo Lopes; Secretário, Francisco Vicente Félix; Vogal, João Luciano Lopes Jorge.

Carlos Gonçalves

esquecendo os mais pequeninos». Deles é o Reino dos Céus!

Para todos, votos de santa Páscoa e um muito obrigado dos nossos Pobres.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

AGRICULTURA — Os campos estão prontos para a sementeira da batata, tão boa para as nossas refeições.

Depois de longa ausência, chegaram finalmente as vacas que permitirão mais leite para as nossas re-

feições, nomeadamente no pequeno-almoço.

Os vaqueiros que se preparem. Não vai faltar trabalho!

A nossa vinha está a ser enxertada e, para o ano, já esperamos bom vinho.

DESPORTO — Viv'ó Serafim, mais a sua iniciativa de levar o desporto em frente!

Desta vez tornou possível a realização de um torneio de futebol, no nosso rinquê, durante as férias escolares da Páscoa.

São de louvar iniciativas benéficas como esta, pois a televisão amolece — e cativa a maior parte das atenções.

VISITANTES — Recebemos um grupo de Espinho que, mais uma vez, mostrou o caminho da generosidade: uma boa merenda e uma breve confraternização.

Para não prejudicar ninguém, ficámos pelo 1-1.

Quem quiser seguir este exemplo, pode fazê-lo.

ESCOLA — Fim do 2.º período escolar, ele revela, mais uma vez, a necessidade de bom aproveitamento.

As notas não foram más, mas poderiam ser melhores!

Força para o 3.º período!

Desejo uma boa Páscoa para todos os amigos e leitores.

Pires

Do que nós necessitamos

Se pudéssemos guardar silêncio... esta coluna não sairia. São os números. São os cifrões que podem esconder a verdadeira riqueza dela. E não queremos que assim seja. É o sangue que lhe dá vida. São as renúncias. Tanto sacrifício! Suor e lágrimas. É coluna de fogo na noite de muitas vidas que, doutro modo, fariam sem rumo. Por isso ela sai à rua.

«Que as vossas Casas se fortaleçam no Amor. Só o Amor faz crescer, sorrir e caminhar as crianças, os jovens, os adultos. Eu tenho 17 anos, também quero aprender a crescer... convosco.» Testemunho da Carla Alexandra, com 1.000\$00. Mais: «É com muita alegria que venho entregar à Casa do Gaiato o meu vencimento de um mês, 55.000\$00, agradecendo o bom êxito dos exames de minha filhinha». Amor de mãe, escrito numa folha de papel. Não é fácil morrer para o egoísmo. Dois mil escudos, da «minha reforma, e os mais ardentes votos de felicidades e de parabéns pelo aniversário do sempre jovem O GAIATO». É interessante. Esta coluna nasce no coração de pais e filhos. Gente de teres e haveres. Pobres e ricos. Crentes e não crentes. Vem a filha a lembrar-nos a saúde de seu pai. O sacerdote com 200 contos, «que farás o favor de distribuir conforme mais necessário for». Grupo de professoras, pela mão de pessoa muito amiga. Desculpas pelo atraso e 22.000\$00 — «tudo com muito amor». António, com 50.000\$ em nome de sua mãe. De Mangualde, Directora de Escola anima os seus pequenos alunos. Dez mil, de Glória. Meia dúzia e esta mensagem: «Sei que é pouco, mas no fim do mês terei umas economias, pois sou dona de casa e poucas posso fazer». Ah mundo, mun-

do que pões os olhos nas luzinhas e não vês a Luz! Migalhas, de Castelo de Vide. Muito carinho, de Tabuaço, que chega à Câmara e move os que podem. Do Bomsucesso, Aveiro, a simplicidade e alegria de estar connosco.

«Do muito que sinto, pouco sei dizer, mas as palavras não importam e sim esta alegria interior que tenho.» Como o sangue que corre nas veias, escondido, mas é vida do corpo, assim a comunhão nascida da partilha. 1.500\$00, para agradecer a alegria de dar. Outra passagem com a marca do Pobre: «É pouco, muito pouco, é certo, porém estou na situação de reformada...». Pai Américo vivia e falava: **A nossa riqueza é a nossa pobreza.** «Queridos amigos, a migalhinha é pequena, mas, de momento, não podemos dar mais. Obrigado.» De Braga, 10.000\$00. Metade, dum médico amigo. São presenças constantes: «É apenas uma gota para a vossa Obra imensa, mas gota a gota tendes conseguido fazer bem a quanta gente!» Escondemos os números para dar lugar à mensagem.

Como estamos em tempo de Páscoa, a família aproveita: Votos de uma feliz Páscoa e 50.000\$00; a propósito da quadra da Páscoa — 10.000\$00; cheque de 2.000\$00 e «gosto de ajudar, mas não gosto que ninguém o saiba. Há os que precisam mais do que eu. Vem aí a Páscoa. Se quero que Deus me ajude, tenho que ajudar também». E mais, muito mais. Pequenina ajuda para o pão e o «meu obrigado em acção de graças ao Senhor pelo bem que nos concede». Fé e Vida, de mãos dadas. Renúncias quaresmais de cinco, dez, sessenta e cem mil escudos.

Um abraço para todos e beijos aos «Batatinhas», no 30.º aniversário do casamento. As

comunidades paroquiais unem-se à nossa e partilham seus bens. De Anta, Espinho, 65.000\$00. Mais cinco mil, de José António e Ana Paula. Ter um amigo fiel, é uma grande felicidade; diz a Maria do Rosário que não «merece agradecimentos». Sande, Marco de Canaveses, mais uma vez presente com um abraço amigo do seu pároco. Semear o bem é missão sublime: «Bem hajam por tanto bem que têm feito e muita coragem para continuardes a ser Igreja viva no mundo». Mais uma pequenina achega. Cada um tem o seu lugar: «30.000\$00 que me propus dar e que, enquanto puder, manterei com muito gosto e um abraço amigo para todos». Mais responsabilidade. Mais fidelidade. É a resposta que queremos dar aos que delegam em nós o critério a seguir na distribuição do que nos chega.

É verdade. O Senhor não resuscitou só «naquele dia». «Resuscita todos os dias nas nossas almas quando nos dá a oportunidade de distribuir pelos nossos irmãos.» Santarém está presente. Um abraço da mãe e amiga que deseja a felicidade de seu filho que vai casar.

Os jovens acreditam na verdade do Amor. Quando a descobrem, dão conta do vazio dos amores em que mergulham; levantam-se. Decidem ser fermento de uma humanidade nova. Vivem agradecidos quando se comprometem a sério. Vivem inquietos, no meio de tantas facilidades. Só repousam quando partilham o que são e têm. É o testemunho de um estudante universitário. Mais a mensalidade de Janeiro até Agosto. Outra mãe, abraçada





DOCTRINA

O visitador do Pobre, se às vezes diz como, nunca diz quanto gasta...

● Não é por luxo nem vaidade que a não pode ter quem sente a responsabilidade de lidar com dinheiro dos Pobres e poder às vezes fazer mal o bem que julga fazer. Todos os dias eu peço ao nosso Bom Deus que ponha o auxílio nas minhas mãos e a palavra nos meus lábios, para que uma coisa e outra tenham valor eterno. Não é por vaidade, digo, mas gostamos de dizer aos sócios capitalistas qual o rumo dos seus dinheiros.

● Além de tudo quanto se tem dito e publicado aqui, temos mais dezoito famílias de reconhecida pobreza que recebem, no fim de cada mês, pequeninas pensões, quase todas abonadas em lojas de mercearia onde vão requisitar o que mais necessitam, conforme o abono de cada uma; são pequenas parcelas de azeite, açúcar, adubo, farinha, arroz — as vossas migalhas que, de novo, se fazem pão.

● Quem me dera ser caixeiro da mercearia onde estes Pobres se vão munir! Há dias, um de entre eles, a par dos géneros, pede também «uma tigela de barro»; tão pobre que até isto lhe faltava! Há, também, uma família de três irmãos cegos; dois arranjam a casa e fazem o caldo e o terceiro vende santinhos pelas portas, sem gula, sempre a cantar, cheio de luz!... Uma outra, habita uma casa pequenina e asseada onde Francisco de Assis gostaria de morar; é filho e mãe que, com os anos e com os desenganos, perdeu a fala e a vista e o juízo.

Cont. na 4.ª pág.

a seu filho de 12 anos, sente-se pequenina e quer juntar-se à multidão dos nossos filhos, por uma Páscoa feliz: «Tudo podeis; os meus problemas são vossos, lembrai-vos dos meus e de mim. Do longe se faz perto e espiritualmente sinto-me junto de cada um desses rapazes que são para mim a imagem viva do Cristo Jesus, na terra».

Padre Manuel António

Horas de diálogo

O motivo que nos leva, em regra dois domingos em cada mês, a vilas e aldeias aonde nunca tínhamos ido, não é tanto a angariação de assinaturas para o nosso jornal como dar conhecimento mais vivo de Pai Américo e da sua mensagem sempre actual porque embebida do Evangelho.

Ele mesmo suspirou pelo dia em que não fosse preciso sair à recolha do pão dos seus filhos — o que o conduzia, naturalmente, a meios maiores, de

mais possibilidades económicas. Essas saídas foram ocasião preciosa para comunicar. Mas, agora, libertos dessa necessidade, nem por isso há-de cessar a comunicação, antes se alarga o diálogo a populações cujo tradicionalismo muito beneficia do arejamento da fé e do amor do Próximo que Deus soprou em Pai Américo e por meio dele.

Da mensagem que se transmite, resulta o apetite de conhecer melhor e de manter con-

vívio com a Obra que Pai Américo construiu, fundada em valores evangélicos. E são os despertados os que vêm apresentar o seu pedido do jornal que há-de ser o veículo deste aprofundar do conhecimento e do firmar relações que nos unem à «Família de fora», cada vez mais acrescida. Esta é uma característica da Obra da Rua, que se não confina dentro dos muros das nossas Aldeias, mas, em conformidade com o pensamento de Pai Américo, é uma Obra aberta, para todos, de todos e por todos. Esta falange imensa de comungantes na nossa vida constitui uma rectaguarda cujo valor só Deus conhece exactamente, mas é das nossas maiores riquezas.

Dilatar a Família, convidar ao «regresso a Nazaré que é verdadeiro progresso social cristão» — eis o objectivo profundo que nos conduz. Depois, fica O GAIATO, livremente assumido, a alimentar a convivência, a fortalecer o vínculo que naquela hora de encontro se estabelece com os tocados.

Ultimamente e, em várias paróquias, esta hora de diálogo não se tem cingido só à homília na Igreja, mas tem havido encontros com gente mais nova a quem passamos o diaporama sobre Pai Américo, a que se segue, naturalmente, um tempo esclarecedor de perguntas e

respostas. Ali podemos ir mais além do que nos permitem os escassos minutos da homília e é sobretudo um momento de sensibilização da gente jovem para os problemas sociais por que Pai Américo se bateu e para os quais abriu caminhos de solução. Caminhos que importa tanto serem andados.

Sucede ainda que nas assembleias dominicais predominam os adultos. Se alguns tomam logo a assinatura em nome de algum filho, a maioria inscreve o seu. É bom, pois, que o jornal atinja todas as gerações, em cada lar onde entra, para que na sucessão delas, se torne habitual o recado que ainda há momentos me veio às mãos: «Venho pela presente pedir para substituir o nome do assinante F. que faleceu, ficando agora assinante sua filha...».

Porém, ainda não termina aqui o enriquecimento que nos vem destas visitas. Refiro-me à nossa participação nas assembleias litúrgicas onde cada comunidade põe a sua imaginação e a vivacidade da sua fé. E ao contacto com tantos irmãos no sacerdócio, cujo trabalho e, para alguns, mesmo, a pobreza e austeridade de vida, são para nós motivo de edificação a juntar ao conforto que recebemos do seu acolhimento tão fraterno.

Padre Carlos

TRIBUNA DE COIMBRA

Um sacerdote vizinho perguntou se continuamos a ter muitas visitas. Respondi que nunca tivemos muitas. O ano passado, ano Centenário de Pai Américo, tivemos mais algumas, sobretudo grupos paróquiais. Foi um ano cheio de muitas coisas boas, embora carregado de trabalhos.

As visitas são um sinal de sentimentos familiares. As pessoas que vêm e ficam horas a observar, a viver, não se intrometem na nossa vida. Não estragamos os meninos com miminhos. O que trazem é para todos. Choram, riem e louvam o Senhor pelas maravilhas que vai fazendo e que nos faz saborear. Que testemunhos lindos nós ouvimos de quem vem com este espírito!

Os turistas podem não apreciar a nossa vida. Os meninos a trabalhar. Alguns com as calças rotas e desabotoadas. O calçado desapertado ou sem atacadores. Caras sujas e o ranho no nariz. Olhos desconfiados. Friditas por tratar.

Muitas coisas que podem atropelar os sentimentos de quem vê.

Nós somos uma Obra para os «enfeitados». Estes são o centro da nossa vida. Como eles se vão transformando! O mais importante é criar um ambiente familiar. Que cada um seja responsável. Que cada um tenha o seu lugar. Que cada um se sinta comprometido com o bem do Outro.

Quando olho para alguns e recorro o dia em que eles chegaram e as chagas morais que traziam! Os palavrões. O asneiro. A desconfiança. A violência. O roubo. Que maravilhas eles operaram em suas vidas!

— Que lindos que eles são e tão educadinhos!, dizem os Amigos que nos visitam. Os olhos de quem vê, reflectem o interior de cada um. Gostamos todos muito que os Amigos nos visitem e com simplicidade louvem o Senhor connosco.

Padre Horácio

Livro

«Correspondência dos Leitores»

(Cont. da 1.ª pág.)

séculos dos séculos? «O que é preciso é humildade, é simplicidade de espírito para a entender», como uma vez me disse o Padre Américo, sem eu bem o entender. E alcanço agora entendê-lo? A lição do Evangelho é sempre nova e não tem medida.»

Há mais, muito mais para revelar em próximas edições, ou não fosse o livro *Correspondência dos Leitores*.

Enquanto uma parte do mundo vive alheada dos Outros, muitos revelam, aqui, a sua inquietação, desde sempre. Pai Américo procurou mostrar o Caminho — e «fazer das pedras filhos de Abraão». Com simplicidade. À moda de Jesus. Aliás,

na senda do Mestre, também sofreu algumas pedradas, que mais força lhe deram para ir até ao Fim.

Muitos aproveitam a ocasião para requisitar outras obras da nossa colecção, especialmente os novos Leitores. Eis a listagem da nossa Editorial:

Pão dos Pobres (quatro volumes); **Obra da Rua**; **Isto é a Casa do Gaiato** (dois volumes); **Barredo**; **Ovo de Colombo**; **Via-gens**; **Doutrina** (três volumes); **Cantinho dos Rapazes**; **Notas da Quinzena**; **De como eu fui...** E a novidade que está em vossas mãos. Títulos com a marca de Pai Américo.

Doutros autores: **Subsídios para o estudo do pensamento pedagógico de Pai Américo**, Dr. João Evangelista Loureiro; **A Porta Aberta**, Dr.ª Maria Palmira de Moraes Pinto Duarte; **O Lodo e as Estrelas**, Padre Telmo Ferraz; mais o **Calvário**, do nosso Padre Baptista, que está esgotado — e muita gente a suspirar por nova edição!

Júlio Mendes

Processo de Beatificação de PAI AMÉRICO

Aos muitos que nos perguntam por ele e a todos os nossos Leitores, queremos dizer que D. Gabriel de Sousa, vice-postulador nomeado, o tomou a peito e está trabalhando intensamente.

Por ora, trata-se, porém, de um pré-processo ou processo preliminar que introduzirá a causa em Roma a fim de lá obter o «nihil obstat» para andamento do processo propriamente dito. Há que apresentar um exaustivo articulado sobre a vida do Servo de Deus e a sua vivência das virtudes sobrenaturais. Há-de ser examinada por dois teólogos toda a obra escrita — e ela é tão extensa! Não-de ser ouvidas testemunhas que com ele tiveram relacionamento. Três peças de demorada elaboração, pois não se trata apenas, nem sobretudo, de coleccionar factos mas de reflecti-los e isto numa visão de conjunto que revela a harmonia divina de uma vida humana. Por isso são lentos estes processos.

A Igreja não é apressada na glorificação dos seus Santos. É o bem do Povo de Deus que Ela visa com acções desta espécie, para que o Espírito Divino se manifeste e confirme. Há-de ser Ele. Da nossa parte há que pedir-Lhe e esperar a Sua hora.

Entretanto, para além do trabalho que já está cometido ou em vias de o ser, temos de confeccionar a lista das testemunhas. A muitas portas temos já batido. Mas quantas outras ignoradas onde morará alguém que conheceu e talvez tenha convivido com Pai Américo...

A quem esteja nestas circunstâncias se pede o favor de nos contactar (Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel), indicando nome, estado civil, data de nascimento, morada actual e telefone e a espécie de relacionamento com o Servo de Deus (por exemplo: parentesco, colega de estudo ou de trabalho, amigo, simples contemporâneo, etc.).

Padre Carlos

AQUI LISBOA!

«Um Povo que trabalhe seriamente por tirar da lama das ruas as crianças que ali se sujam, esse Povo lava-se. É preciso que nenhum de nós tenha paz enquanto houver crianças a dormir nos beirais.» (Pai Américo)

É angustiante a situação da Juventude. Somos esperançosos, mas, à partida, temos de confessar que o seu futuro não é nada promissor e, infelizmente, é preciso confessá-lo, isso se deve aos exemplos como à ausência deles e ao agir dos adultos.

João Paulo II tem-se manifestado, em várias circunstâncias e lugares, extremamente preocupado com a sorte da Juventude. Na sua Mensagem para a Quaresma, já aqui referida, falava-nos da mortalidade infantil. No documento que redigia para o dia em que escrevemos — Dia Mundial da Juventude — refere que o mundo está invadido por várias coisas, entre as quais, uma das mais perigosas, é a perda do sentido de vida, dizendo: «Como viver a vida sem a estragar? Sobre que fundamentos deve assentar a minha vida para que seja uma vida feliz? Que devo fazer para dar sentido à minha vida? Como me devo comportar em situações difíceis na vida?»

Vivemos, efectivamente, num mundo baralhado, com graves problemas (fome, injustiça,

guerras, poder, corrupção, hedonismos, — etc. O momento da História que atravessamos é deveras crítico. Não há critérios nem valores; são os ídolos e a ambição que norteiam as pessoas. Só o que é útil, pragmático, importa; no mundo só nos sensibiliza a matéria, porque a sensibilidade se perdeu; a autosuficiência e o orgulho reinam no comportamento comum; a secularização impregnou-se nos espíritos e os valores morais não têm lugar. O ideal da vida é procurado no consumismo desenfreado, na droga, no álcool e no erotismo. Não mostrando o que procuram, os jovens, perseguindo a felicidade, acabam por mergulhar na tristeza mais profunda, de coração vazio e com uma sensação de tédio e de náusea,

que os precipita, não raro, no desespero.

Segundo as estatísticas, como aqui já foi referido, os índices de suicídios são maiores nas sociedades materializadas. Em Portugal, por falta de sentido de vida, os valores mais elevados encontram-se no Alentejo, com certeza por outras explicações, mas com a mesma raiz. Na zona em que vivemos é frequente o suicídio de jovens.

Uma vida sem sentido é uma vida sem norte. Aos nossos Rapazes procuramos incutir, sem êxito, muitas das vezes, aqueles fundamentos sólidos a que se refere o Papa. Nem outra coisa se pode esperar de nós, numa Obra fundada por um Padre que passou toda a vida a escutar a «Voz do Alto», ao serviço dos seus Ir-

mãos. Que os Jovens entendam que, neste ano, «é Maria que nos convoca», à procura de um sentido de vida autêntico, porque o Ano Mariano em curso é um ano particular de escuta de Maria: «Fazei tudo o que Ele vos disser».

Por todas as razões aduzidas e por tudo aquilo que lhe está subjacente, convidamos homens e mulheres de coração puro, a juntarem-se a nós ao serviço da Juventude, sobretudo daqueles que não têm eira nem beira, dando-lhes a mão. Aos Jovens, em geral, dirigimos o apelo veementemente de se deixarem conduzir por Aquele que passou no

mundo fazendo o bem e se entregou no Calvário por todos os homens.

FESTAS

Os Rapazes, fiéis ao lema da Obra da Rua, agitam-se e organizam-se. Podemos anunciar a Festa de Lisboa para o próximo dia 8 de Maio, pelas 10,45, no Cinema Império. Os bilhetes, dentro em breve, serão colocados à venda nos lugares habituais.

Padre Luiz

SETÚBAL

Cont. da 1.ª pág.

Referenciados à histórica via-sacra de Jesus, os jovens voltaram-se seriamente para o sofrimento actual e próximo dos homens seus conhecidos. Daqui a novidade. Normalmente e porque é sensacional quando se fala a jovens, tem de se abordar o problema da violência, da guerra, da fome, da droga, da prostituição, do alcoolismo etc... e fica-se sempre por aí, de forma que os jovens ficam satisfeitos porque não se colocam nesses grupos marginais ou maus e alienados porque já falaram nestes temas, já os abordaram e, pronto, mais nada.

Ora, foram casos concretos, conhecidos pelos grupos; vizinhos que sangraram em cada estação. Casos bicudos, de difícil, paciente e longa recuperação. Estações actuais de homens, jovens e gente caída sem dar por isso, precisando de cireneus, verónicas e discípulos de Jesus a sentirem bem o «foi a Mim que fizestes».

Os pecados de omissão: preguiça, fuga ao compromisso, alienação, deixar correr, etc... abriram chagas no corpo sagrado do Mestre e explodiram em lágrimas de convicção e arrependimento.

O Reino de Deus que Jesus pregou não é uma utopia. É uma realidade apaixonante e sedutora ao alcance de cada homem, mas muito especialmente de cada jovem.

Fazer da sabedoria de Jesus, a nossa sabedoria, das suas opções as nossas, dos seus desejos os nossos, do seu ideal — n'Ele realizado completamente — o nosso ideal — eis o fruto de uma via-sacra. Hoje, começou a ser moda, infelizmente, até nos discursos aparentemente piedosos ou cristãos, falar-se da opção pelos mais pobres. Quando se trata

de ir tratar os mais pobres, ninguém quer, ninguém sabe, ninguém se determina.

Hoje, há Conferências Vicentinas que não têm Pobres. A gente fica pasmado.

Nesta cidade esteve, há pouco mais de um mês, por enterar durante 13 dias, o corpo de uma mulher, morta à míngua, por não haver dinheiro para o funeral.

O seu marido, homem simpático, envelhecido pelo alheamento e pelos anos, vivia com ela numa cave antiga de duas divisões a cair de podre pelo salitre e exalando um cheiro pestilento. Montões de roupa apodrecida e suja eram o ornamento e a decoração mais saliente da moradia.

Entreguei o caso a um grupo de jovens vicentinos. Eles irão limpar. Arranjar. Mobiliar. Decorar. Fazer daquele antro um lugar de vida; e daquele velho um irmão querido.

Quando outros lhes perguntarem porque fazem aquilo, o sentirem somente no seu íntimo a interrogação, a resposta brotará clara e imediata: **Acreditamos em Cristo Ressuscitado!**

FESTAS

Eis o calendário das Festas, já marcadas, para a nossa região:

ABRIL:

— Dia 16, às 21,30 h. **QUINTA DO ANJO;**

— Dia 29, às 21,30 h. **Luisa Tody, SETÚBAL;**

— Dia 30, às 21,30 h, **Humanitária de PALMELA.**

Repito o que havia dito, na anterior edição: Esperamos a colaboração dos leitores e amigos — nas terras supracitadas — para que as salas se encham de gente.

Padre Acílio

DOCTRINA

Cont. da 3.ª pág.

● Gostaria ainda de dizer o que sei de uma outra das nossas Pobres que diz não trocar por nada desta vida o privilégio de haver nascido em um monte, ao pé de um rebanho de ovelhas, mais pobre do que o Nazareno! E confessa, afoitamente, aos setenta e cinco de idade, que não deseja maior riqueza no mundo do que esta altíssima Pobreza.

● Gostaria, sim, de dar maior conta do emprego dos vossos capitais, mas estas quatro famílias que agora apresento são espelho por onde podem ser vistas as mais.

● Coloca nesta empresa os teus dinheiros que rendem a cento por um e a Vida Eterna. «Do que comi, nada vi; o que dei, tudo encontrei» — diz a lenda do amigo que morreu e veio contar ao outro como as coisas correm da banda de Além!

O. Américo

(Do livro *Pão dos Pobres* — 1.º vol.)



Um quadro do historial das Festas promovidas pela Casa do Gaiato de Lisboa, cujo elenco prepara a tournée — segundo o lema da Obra da Rua.

RETALHOS DE VIDA



O «Gordinho»

Sou o Rogério da Conceição Piçarra, mais conhecido por «Gordinho». Tenho 15 anos e nasci, em 1973, em Albufeira (Algarve). Tenho mais dois irmãos: um, está comigo; o outro, com a minha mãe, no Algarve. O meu pai morreu com um cancro. E como éramos muito pobres, a minha mãe mandou-me para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

Rogério

 **Gaiato**

Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm.: Casa do Gaiato-PAÇO DE SOUSA-4560 Penafiel-Tel. (055) 952285
Comp. e Impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato-Paço de Sousa-4560 Penafiel

Depósito Legal n.º 1239

Tiragem média por edição, no mês de Março: 68.640 exemplares